



ALFABETIZAÇÃO PELO MÉTODO FÔNICO: FÁCIL OU DIFÍCIL DE SER DESENVOLVIDO EM SALA?

RESUMO:

Este artigo apresenta um recorte do trabalho de alfabetização e letramento realizado em sala de aula com alunos da pré-escola, partiu da experiência do período de estágio em uma escola municipal do interior de Alagoas. A questão que gira em torno de alfabetizar ou não a criança na fase pré-escolar é motivo de muitas discussões no Brasil, nesse contexto, a alfabetização realizada mediante a utilização do método fônico é duramente criticada por alguns profissionais da área que a considera exaustiva e avançada de mais para a criança. O presente trabalho tem como objetivo, mostrar através de dados que é possível realizar o trabalho de alfabetização com as crianças na fase da pré-escola com a utilização desse método sem deixar de lado a fase do brincar das mesmas, o método fônico de alfabetização e letramento pode ser trabalhado em sala de forma prática e eficiente, além do uso dos materiais didáticos como os livros, podem auxiliar muito bem o professor o uso de jogos e brincadeiras. Sabe-se que o código alfabético e a consciência fonêmica não são adquiridos espontaneamente ou naturalmente de maneira auto induzida, precisam ser ensinados. O papel do professor é promover o ensino sistemático, diretivo, metódico, que leva o aluno à compreensão do sistema de escrita, alfabetizar nada mais é do que ensinar a ler e escreve, ou seja, lavar o aluno a compreensão do código lingüístico.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Código Lingüístico. Consciência Fonêmica.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil a alfabetização é um assunto que constantemente é discutida, visto que os índices de analfabetismo no país ainda são altos e nesse contexto, há uma intensa discussão relacionada á questão de alfabetizar ou não na fase pré-escolar; alguns estudiosos criticam essa ideia alegando que é importante nessa fase o brincar e a liberdade da criança, pois a mesma aprenderá no seu próprio ritmo, portanto, sem a necessidade de intervenção; enquanto outros defendem que a alfabetização tem que ser trabalhada a partir da base com respaldo em estudos e pesquisas relacionadas ao assunto, alegando que é justamente nesse período que o ser humano tem uma maior plasticidade neural o que contribui significativamente

1 Graduanda do curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas.

2 Doutor em Lingüística, professor associado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), coordenador do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME), pesquisador associado ao CNPq e ao Instituto de Textos Manuscritos Modernos (ITEM/ Paris).

para o seu aprendizado, as crianças aprendem com muito mais facilidade que um adulto o que é algo cientificamente provado. Dehaene afirma em sua obra *Os neurônios da leitura* que: “As neurociências da leitura mostram que cada cérebro de criança dispõe de circuitos neuronais capazes de aprender a ler. [...] A plasticidade cerebral é tal que é possível contornar as dificuldades da leitura por vias cerebrais incomuns” (p,344).

A partir dessa perspectiva apontada pelos estudos da neurociência, pode-se dizer que é fundamental que o trabalho de alfabetização comece cedo, pois dessa forma o sujeito compreenderá de forma eficaz como funciona o nosso código lingüístico.

2 MÉTODO FÔNICO

De acordo com o dicionário Aurélio, método nada mais é do que: “procedimento, técnica ou meio de fazer alguma coisa”, de acordo com o significado da palavra, o método de alfabetização é um procedimento ou técnica de ensinar o aluno a ler e escrever. O Método fônico de Alfabetização é aquele que ajuda o aluno a fazer as relações entre fonemas e grafemas, Capovilla considera esse processo de alfabetização como o mais eficiente, visto que a compreensão da leitura e da escrita é algo primordial para que o aluno aprenda a codificar e decodificar, ou seja, que ele possa escrever e ler corretamente. Capovilla (2004) afirma que:

A fala sendo concebida como um fluxo no tempo de certo número limitado de fonemas que se combinam e recombinaem em diferentes ordens conforme regras convencionais compondo diferentes palavras faladas, e que esses fonemas podem ser convertidos em seus grafemas correspondentes num mapeamento de ordem conforme a seqüência tempo-espaco (da esquerda para a direita na linha, e de cima para baixo entre linhas), e com lacunas para separar as palavras. (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2004, p. 77)

Pode-se então dizer que diante dessa perspectiva apontada por Capovilla as crianças que não tiverem a obtenção de uma instrução relacionada a metafonologia e aos fonemas de forma explicitas e sistematicamente, não se apropriaram da consciência fonêmica e tão pouco dos conhecimentos e das relações que envolve grafemas-fonemas, assim a sua fala não poderá ser mapeada através do processo de escritura.

De acordo com alguns estudos da área da lingüística e da neurociência pode-se afirmar que:

O desenvolvimento da consciência fonêmica requer experiências, ou seja, instruções formais que explicitem as regras de mapeamento dos sons da fala na escrita alfabética. Logo, o desenvolvimento da consciência fonêmica requer instruções fônicas. Assim, para que consiga ser capaz de identificar fonemas individuais, a criança precisa receber instrução explícita sobre as correspondências entre os elementos fonêmicos da fala e os elementos grafêmicos do texto (JENKINS & BOWEN, et al apud CAPOVILLA & SEABRA, 2010, p.79)

Dessa maneira é fundamental que o professor em sala possa desenvolver mecanismos que auxiliem os alunos a desenvolver sua capacidade de identificar os fonemas e posteriormente fazer as ligações entre fonema e grafema, Dehaene afirma que:

[...] os professores permanecem os únicos mestres a bordo. Cabe a eles inventar os exercícios, as astúcias e os jogos que permitirão despertar as crianças para a leitura, Aí elas encontrarão as dificuldades particulares que requerem um domínio pedagógico que respeito profundamente. Creio, simplesmente, que nem o psicólogo nem o professor podem se permitir ignorar os conhecimentos científicos que explicam por que o cérebro da criança é mais ou menos receptivo a este ou aquele método de leitura. (DEHAENE, 2012, p 344)

Ou seja, não é simplesmente um método, ou o material adequado, mas principalmente a forma que o professor conduz a aula e aborda os assuntos adequados para a aprendizagem do aluno.

3 TRABALHO EM SALA DE AULA

Para melhor exemplificar a afirmação de Dehaene, foi feito um pequeno teste com alunos na fase de alfabetização utilizando o método fônico. A princípio foi feito um pré-teste com o intuito de verificar o que eles já conheciam em relação ao código alfabético, posteriormente após o trabalho realizado um pós- teste com o objetivo de verificar os avanços obtidos. O teste segue os critérios expostos no quadro abaixo:

Conhecimento das letras do alfabeto maiúsculas (Bastão)	Valendo um ponto pra cada letra certa num total de 26 pontos.
Conhecimento das letras do alfabeto minúsculas e cursivas	Valendo um ponto cada letra total de 26 pontos.
Fazer o nome próprio	Valendo um ponto.

Conhecer as letras do alfabeto de cor, sem precisar olhar	Valendo um ponto
Se possui consciência Fonêmica	Valendo dose pontos, um pra cada palavra lida corretamente.
Total de pontos a obter.	66 pontos.

A partir do resultado do primeiro teste iniciou-se o trabalho de alfabetização, como mencionado anteriormente não são simplesmente o método ou os materiais. No entanto, é preciso dizer que o método fônico é o mais eficiente segundo estudos, e os materiais como os livros didáticos são muito importantes para o trabalho do professor, mas que o mesmo pode ir além deles fazendo uso de jogos e brincadeiras, como o exemplo das imagens abaixo:



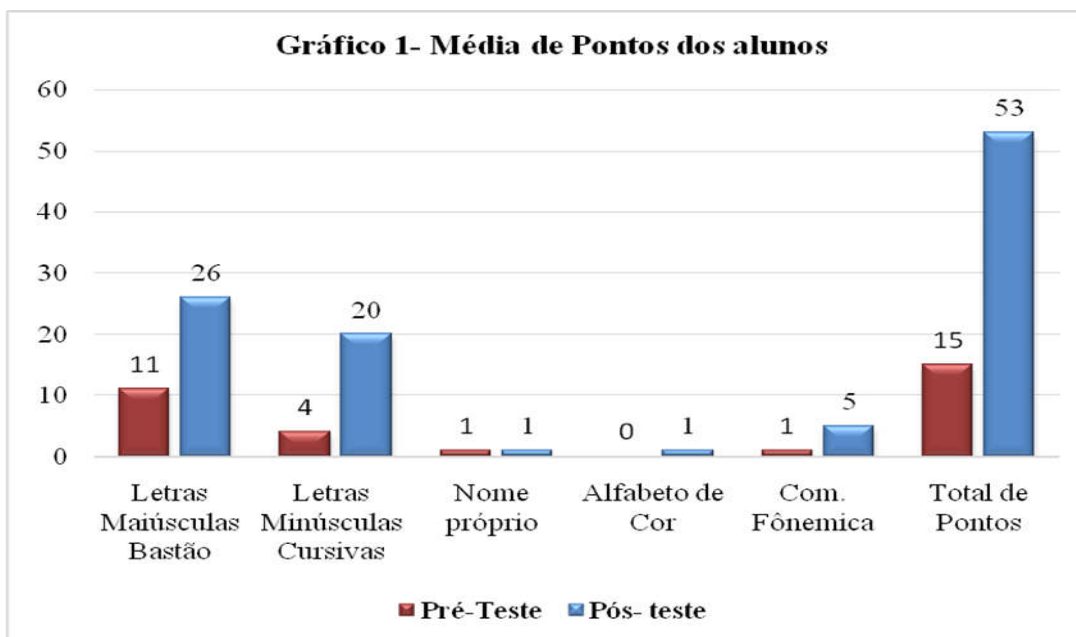
Fonte: Autora. 1 “Trilha do Alfabeto”



Fonte: Altor. 2“Corrida dos Fonemas”

As imagens acima demonstram que o professor pode ensinar com o auxílio de jogos e de brincadeiras que favoreçam o aprendizado, porém, não descartando a utilização do material didático do aluno, nesse caso foi utilizado o do Instituto Alfa e Beto, que trabalha com o método fônico de Alfabetização. A primeira brincadeira é para fazer com que o aluno aprenda a reconhecer as letras do alfabeto sem o auxílio de figuras, pois na grande maioria das vezes as crianças associam à figura a letra, não as reconhecendo a sem o auxílio da figura. A segunda é referente aos fonemas, ambas podem ser trabalhadas envolvendo os dois (letras e sons).

4 RESULTADOS OBTIDOS



Fonte: A autora

Tabela - Comparação das médias do Pré e Pós-teste por aluno

Etapas	Letras Maiúsculas Bastão	Letras minúsculas cursivas	Nome próprio	Alfabeto de cor	Consciência fonêmica	Total de Pontos
Pré- teste	11	4	1	0	1	15
Pós- teste	26	29	1	1	5	53

Como observado no gráfico e na tabela referente à média dos alunos em relação aos testes, percebe-se que há um grande avanço do último teste após o trabalho de alfabetização com o método fônico em relação ao primeiro. Esses dados servem para desmistificar as críticas muitas vezes infundada em relação ao método fônico, que para alguns é considerado duro e exaustivo de mais para a criança, outros afirmam que é muito difícil de ser trabalhado, pois não é possível fazer algo diferente que não seja seguir as atividades dos livros.

O Brasil adotou e valoriza corrente teóricas que valorizam a construção do conhecimento, sem ser necessário intervir nesse processo de construção, como o nas idéias construtivistas, que para muitos é a única forma de obter sucesso na alfabetização e assim diminuir os índices de analfabetismo no país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do interesse pela temática referente ao processo de alfabetização, ao término do período de estágio e da experiência vivenciada e com base em dados científicos, pode-se afirmar que o método fônico é um o mais eficaz para o processo de alfabetização e que este processo é alvo de inúmeras discussões, pois há uma relutância por parte de alguns, até mesmo de alguns professores para implementá-lo, é um método visto como “sistemático de mais”, que não respeita o ritmo da criança, considerado enfadonho e exaustivo, alguns ainda dizem que é “difícil de ser trabalhado em sala”. E é daí que retiro o tema desse trabalho “Método fônico de alfabetização: fácil ou difícil de ser desenvolvido em sala?”

Após essa rica experiência que durou aproximadamente oito meses, pode-se afirmar que, o trabalho de um professor alfabetizador não é fácil, requer atenção, dedicação, criatividade e principalmente paciência, não se aprende a ler e a escrever da noite para o dia, é preciso que esse profissional atue de forma precisa e seja criativo para não tornar esse processo algo enfadonho. Após o trabalho realizado é perceptível que o Método Fônico possibilita as crianças em sala de aula muitas maneiras de aprender, tanto com o uso dos livros como com o uso de jogos e brincadeiras complementares, aprendendo a decifrar o código alfabético, conhecendo-o bem o aluno será capaz de escrever e ler qualquer palavra, portanto, não é algo difícil de ser desenvolvido em sala somente requer do professor um trabalho mais sistemático e ativo.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá . bé . bi . bó . bu.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

_____. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Alfabetização: Método Fônico.** 5. ed. São Paulo: Memmon, 2010.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Problemas de leitura e escrita: Como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica.** 4. ed. São Paulo: Memnon, 2004.

DEHAENE; Stalista. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler.** Tradução: Leonor Scliar- Cabral,- Porto Alegre: Penso, 2012.